

Páginas

RAIMUNDO GIRÃO

1 — O CLÓVIS DA IMPERIAL

Fechou as portas, definitivamente, a Livraria Imperial do Clóvis Mendes. Ali, sempre no mesmo ponto, num dos terraços do Excelsior Hotel, desde 1935. Instalaram-na o viajante comercial Ismael Anglada, e Japi Magalhães e Mário Braga.

No ano seguinte, transferiram-na ao Clóvis, caixeiro injustamente dispensado da Livraria Humberto, onde em 9 de junho de 1910 começou a trabalhar, quando o estabelecimento pertencia ao extinto Banco do Ceará. Foi o gerente Pedro da Rocha Guimarães quem o empregou.

De balconista passou a patrão, e desvelou-se no seu comércio, sem arredar pé, nem mão, movimentando-se naquela estreita loja de venda de livros e objetos de papelaria. Jamais faltou, ainda que por doença. Integrou-se no mister, dominou-se da mania — dever cumprido à risca — de, bem cedo, estar de chave em punho para expor ao público o que ao público podia oferecer: livros e papéis, a sua prestimosidade e branda simpatia.

Trinta e seis anos fez isso, sem mudar, sem enfado nem momentos de mau humor. Livreiro cento por cento de pontualidade, e decano dos livreiros do Ceará, sai agora para o repouso merecido.

É justo se registre o fato e o lastimemos, pois a Imperial já fazia de peça curiosa e obrigatória do organismo da cidade. Lá é que, por muitos tempos, se reuniu a *roda da Imperial Porta*, todas as manhãs, com intelectuais e não intelectuais democraticamente discutindo os mais díspares assuntos. Martinz de Aguiar, Pedro Sampaio, Carlos Studart Filho, Silveira Marinho, João de Deus Cavalcante, Antônio Soares, eu, Alberto Sá, Francisco Olavo de Sousa, Fernando Leite, Albano Amora, Marco Antônio Forte, João Gaspar Filho, Porfírio Maia, José Cavalcante Parente e o seu cachimbo, Antônio Francisco de Albuquerque, José Deusdeth de Sousa, Angélica Coelho, Agapito Sátiro, Antônio Ferreira Antero, Hugo Rocha, Moreira Campos, René Dreyfuss, Emílio Leite e outros muitos, mais eventuais, não perdiam o *ponto* e manifestavam-se contra, de acordo, meio sim meio não, às vezes calando, que o silêncio é ouro. . . Antes que a Livraria acabasse, acabou a roda.

Diversas livrarias, ou melhor livro-papelarias, existiram em Fortaleza até a vinda da *Imperial*.

A primeira, em 1849. Nem era bem uma casa desse tipo, senão uma loja, a de Manuel Antônio da Rocha Júnior, a que ele adicionou uma seção, *sui generis*, de artigos de escritórios e livros, cuja leitura se facultava ao cliente mediante a assinatura de dois mil réis, deixando ele em depósito o preço da obra que levava e responsabilizando-se pela respectiva devolução ou pelo estrago sofrido.

Passado um ano, 1850, o lusitano Joaquim José de Oliveira, editor do jornal *Pedro II*, trouxe do Rio de Janeiro farto estoque de romances de cavalaria, novelas, contos infantis, dramas e comédias em francês ou traduzidas do francês e com esse material fundou a *Livraria Oliveira*. Na Praça do Ferreira, então n.º 10. Era sócio o filho e a firma tinha a razão Joaquim José de Oliveira & Cia. e com esta continuou registrada em 17 de fevereiro de 1899. Em 1903, atingido pela cegueira, transferiu a Livraria a Estevão Rubim & Cia., firma composta de Estevão Gonçalves Rubim e Eduardo Studart, os quais, em 1914, a negociaram com H. Barroso & Cia., constituída do mesmo Eduardo Studart e do dr. Hermino

Barroso. Tomou o estabelecimento a denominação de *Livraria Cearense* e como tal foi vendida a A. Gentil & Cia. sociedade de que participava d. Anita Gentil e a firma do pai, Frota & Gentil.

Ao lado, em prédio contíguo (ambos, atualmente, substituídos pelo Edifício São Luís), a partir de 1.º de setembro de 1902 abriu Antônio da Justa Menescal (Tutu Menescal) a *Casa Menescal*, com o ramo de ferragens, louças, vidros, imagens, papel, miudezas e livros, mas em 1915 ele a vendeu a F. Rosa & Cia., firma de Firmino Rosa, associado a Frota & Gentil, adotando-se o nome de *Casa Americana*, em 1921 transferida a Sousa, Gentil & Cia. (Anita Gentil, Frota & Gentil e Alberto Costa Sousa). A seção de livros e papelaria foi incorporada à *Livraria Cearense* e, com algum tempo mais, esta cerrou os negócios, porque o senhorio do prédio o exigiu intransigentemente. No local da Casa Americana esteve, depois, a Loja Amadeu, de Amadeu de Carvalho.

Muito projetada e de longa vida foi a *Libro-Papelaria* de Gualter Rodrigues Silva, situada na Rua Major Facundo, então n.º 74, esquina da Rua da Assembléia (Rua São Paulo), onde atualmente se acha a Farmácia Teodorico. Gualter, homem de sociedade, foi casado com Isabel Rabelo (d. Biluca), senhora de cultura e amante da arte pictórica, tendo deixado telas valiosas. Falecendo o marido, aos 49 anos de idade, em 1891, constituiu a firma Viúva Gualter & Cia., porém, mudando-se para Manaus, deixou a *Libro* com o filho César A. Silva, um dos fundadores da Fênix Caixeiral. D. Biluca, mais tarde, fixou residência na Suíça.

Adquiriu, a seguir, a propriedade da *Libro* o seu antigo empregado, Militão Bivar, tendo como sócio o poeta e folclorista José Rodrigues de Carvalho e registrando a firma Militão Bivar & Cia., constituída em 11 de outubro de 1902. Fizeram-se também editores, e diversas edições de livros de autores cearenses tiveram-nos como responsáveis. Notadamente os que andaram muito em voga, adotados no Liceu do Ceará e nos colégios particulares, da autoria do engenheiro Francisco Marcondes Pereira: *Aritmética Prática*, *Apontamentos de Aritmética*, *Álgebra Elementar* e *Química Geral*.

A *Libro-Papelaria Bivar* continuou na posse da sociedade até 1910, quando foi adquirida pelo depois extinto Banco do Ceará, que a vendeu em 1917 a Humberto Ribeiro. Passou a ter a denominação de *Livraria Humberto*, cujas portas se fecharam há alguns anos, já incorporada à empresa Ciclop S.A., que abriu a *Livraria Aequitas*.

Do século passado foi igualmente a *Livraria Evangélica*, do norte-americano Lacy Wardlaw, o primeiro pastor presbiteriano a missionar no Ceará. Chegou em 1881 e pode ser considerado o pioneiro das atividades protestantes em nosso Estado. Em 1882, organizou a Livraria, na casa da Rua Major Facundo, n.º 110, esquina com a Rua das Trincheiras (Liberato Barroso), indo depois ocupar prédio em frente da mesma rua. De preferência, vendia livros relacionados com o culto reformado, e assim o fez, mesmo já tendo deixado a função de pastor, até 1901, ano em que regressou aos Estados Unidos.

Em 1904, outra livraria surge em nossa capital — a *Livraria Araújo*, de Antônio Ildefonso de Araújo, funcionário aposentado dos Telégrafos. Na praça do Ferreira, n.º 13, prédio paredes meias com o da Intendência Municipal, ambos e os demais do quarteirão demolidos para a construção do horroroso Abrigo Central, já, graças a Deus, demolido também. O Padre Quinderé, em suas *Reminiscências*, narra-nos como Araújo se fez livreiro... sem ter, de começo, livros para vender. Abriu a casa, mobiliou-a, espalhou sobre mesas catálogos de editores do Sul e da Europa, papel de cartas, cartões, canetas, tinteiros, blocos de telegramas e em breve o ponto ficou freqüentado, as encomendas se sucederam e a livraria apareceu importante e sortida. Aí se agrupavam os admiradores de Soriano Albuquerque, mestres da Faculdade de Direito e intelectuais. Formavam o *Cenáculo*, de tertúlias eruditas e animadas. Araújo ficou rico, deu-se a passeio pelo Velho Mundo, e achou quem lhe comprasse a Livraria. Os novos donos — Antônio Acióli e Andrade Figueira, inexperientes, deram com os burros nágua. Outra vez, pelos idos de 1913, fundou no Rio uma livraria católica, o que não deu certo, e de novo veio tentar outra em Fortaleza, o que

de fato realizou, instalando-se no prédio em que esteve a Farmácia Moderna, na Rua Floriano Peixoto.

De 1918 é a fundação da Livraria Ribeiro, de Luís Severiano Ribeiro, localizada a princípio na Praça do Ferreira (prédio que foi de Machado Coelho, da Rua Major Facundo) e sem muita demora transferido para a mesma rua, ao lado da antiga loja Torre Eyffel. Passou-a em setembro de 1925 a Moraes & Cia. Sociedade de que faziam parte Paulo Augusto de Moraes, seus filhos Gotardo e Leônidas e o genro, dr. Tomás Acioli Filho. A Livraria Moraes resistiu até há pouco tempo, com a falência dos donos.

No referido ano de 1918 principiam as atividades da Livraria Araripe, de Oscar Araripe & Cia., com a sede na Rua Major Facundo, esquina com a chamada Travessa Pará. Baixos do antigo sobrado da família Albano, hoje substituído pelo Edifício do Hotel Savannah. Antigo empregado de Severiano Ribeiro, Oscar era homem bem lido e inteligente e viu que o comércio livreiro não devia ser só de obras didáticas, mais para ganhar dinheiro. Resolveu interessar o meio intelectual com a aquisição de livros de literatura e de ciência e, de fato, soube generalizar o conhecimento das obras de Eça de Queiroz, Fialho de Almeida, Camilo, Adolfo Caminha, Araripe Júnior, Artur Azevedo, Rodolfo Teófilo, Juvenal Galeno. A Araripe transformou-se, rapidamente, num centro de intelectualidade, da nata dos nossos homens de pensamento. Não parava de trazer novidades. Nomeado para o cargo na Caixa Econômica do Rio de Janeiro, teve que abandonar o negócio, com o maior desapontamento seu e de quantos freqüentavam diariamente a sua Livraria. Presidente do meu clube de futebol — o “Guarany Atlético Clube” (1919-1926), era ali que nos agrupávamos, os elementos do time, rapazes amadores que sadiamente praticavam o belo esporte. Ainda não chegara o profissionalismo. Oscar era um perfeito relações públicas e muito digno e decente.

Em 9 de março de 1926 inaugurou-se a Livraria Comercial, de Quinderé & Cia., empresa de que eram sócios Luís Quinderé, Meton Gadelha e Mário Gadelha. Na Rua Major Facundo, confrontando com a Travessa Pará. Meton vendeu

ao Estado a Tipografia de sua propriedade e que se transformou na Imprensa Oficial e deu entrada na sociedade ao sócio José Vidal de Silva, retirando-se Luís Quinderé, que adquiriu a Livraria Seleta, mantida pelo Arcebispado, por iniciativa de Ananias Frota de Vasconcelos e funcionando quase em frente, em velho sobrado hoje substituído pelo Savannah Hotel. Mais tarde, em 1942, construindo prédio próprio, mudou-se para este (Rua Floriano Peixoto, n.º 523), onde continua, mas adstrito o seu comércio a papelaria e artigos de escritório, engenharia e desenho. Compõem, hoje, a firma Quinderé & Cia. Meton Gadelha, José Vidal, Alfredo Vidal e Francisco de Assis Teófilo de Oliveira.

Todas essas livrarias anteriores em fundação Imperial, exceto a Comercial, desapareceram e agora é ela que desaparece, com o Clóvis a chorar, saudoso, seu trabalho de mais de três décadas. E tem razão. Mas fique certo de que nós outros o lamentamos, e só nos resta homenageá-lo como a um velho guerreiro que, glorioso, deixou de batalhar. Na idade, superou os setenta, pois nasceu em 4 de julho de 1839. Filho de José Abílio Ribeiro Mendes e Amélia Rangel Mendes. Sobrinho-neto dos afamados mestres-escolas João de Araújo Costa Mendes e Manuel Teófilo Costa Mendes, que fizeram época e se glorificaram como os fundadores do Ateneu Cearense, educandário de 1863 e cuja influência na vida educacional do Ceará foi ampla e altamente proveitosa. Talvez o mais ajustado e organizado dos educandários de Fortaleza, em todos os tempos. Seu Clóvis pode ir para casa satisfeito.

Unitário, 21 - 5 - 1972.

2 — ALUGA-SE

Passava, e li a placa — *Aluga-se* — aposta na fachada daquela casa de sobrado, pintada de cinzento claro, situada na esquina das ruas da Assunção e General Clarindo.

É como se sentisse, ao vê-la, uma grande dor, o silêncio da ausência dos donos da mansão, por eles construída, agora a espera de um prosaico bom inquilino.

Ali moravam Rui Guedis e a família, a pequena família de uma essa, D. Carmelita, e duas filhas gentis — Artamilce e Alódia, a primeira com o nome anagrama de *Carmelita* e Alódia, nome da avó paterna. Casaram-se, a mais velha, com um dos mestres da Cirurgia em nossa terra e professor de duntas lições na Faculdade de Direito — Dr. Gláuco Lobo e, a outra, com Paulo Sérgio Guimarães, construtor de renome e engenheiro do Banco do Brasil. E para completar o belo quadro a Maria José filha de estima, uma espécie de atenta e vigilante guardiã do conjunto feliz.

Ali a ventura morou no aveludado das coisas fagueiras, até que um dia, faz cinco anos, falece o chefe da casa, e, mais tarde, a zelosa e querida dona da casa, esvaziando a casa para sempre, hoje melancolicamente exposta à ocupação de um pagamento de aluguer por quem nem sequer saberá o que a casa foi.

Rui Guedis era um elo de saliente apreço na agitada corrente do povo desta cidade, onde ele nasceu, em 30 de dezembro de 1897. Filho de Jovino Guedes Alcanforado e Alódia Garcia. Jovino, de Arneiroz, foi deputado à nossa Assembléia Legislativa e intelectual de fino teor, tendo sido o primeiro presidente da tão falada Padaria Espiritual, que tanto brilho deu à cultura literária cearense.

Rui também exerceu na chamada Casa do Povo mandato que ilustrou e, como o pai, se fez intelectual e do melhor labor, só que o pai não era como o filho um demasiado modesto, um escondido, sempre a subtrair-se da publicação do que podia e sabia produzir.

Não era Rui, nesta parte, o que era como ser humano colocado na sua coletividade: um extrovertido, um alegre, um comunicativo, com o seu porte alto e desempenado, andar ligeiro, a voz forte e cheia, o sorriso franco, denunciando a pura autenticidade do seu íntimo bem constituído. Exerceu, por longo tempo, o cargo de presidente da Caixa de Aposentadoria e Pensões da Rede de Viação Cearense, foi Secretário

de Estado na então pasta da Educação e Saúde e acabou alto funcionário da Prefeitura Municipal de Fortaleza.

Foi caixeiro de casa comercial, sócio de firma reputada, operando no ramo das representações mercantis, nunca se afastando, um grau que fosse, da solicitude profissional, o que lhe era na verdade inerente. Metódico, tudo medindo e contando, mas sem exagero, sabia tratar com os outros, onde necessária fosse a sua atuação.

Ledor contumaz, forrou o cérebro de boa preparação humanística e literária, freguês assíduo das livrarias, escolhendo os livros de suas leituras e com eles vindo a formar selecta biblioteca que a família, num gesto mais que louvável, acaba de ofertar à Academia Cearense de Letras.

Especializou-se nos conhecimentos da Literatura Portuguesa e Brasileira e na Filologia, dos quais bem poderia ter sido nome de evidência se não fora a sua, eu direi criminosa escusa ao aparecimento em público. Versejava com facilidade, dava contas do que saísse das editoras no campo de suas preferências, nestas incluídas as excursões pelos assuntos transcendentais, espírita convencido, que era. Com Álvaro Weyne e Oscar Araripe sustentou a saída do jornal humorístico *Diabo a Quatro*, de repercussão gostosa na cidade, que o devorou tão cedo circulasse. Fora disso, tudo no anonimato, nada infelizmente quis publicar, privando as nossas letras de sua valiosa cooperação.

Quando escrevi *Palestina, uma Agulha e as Saudades*, fiz questão de que ele escrevesse o prefácio e ele recusou. Insisti, persisti, e ele concordou em fazê-lo, desde que não o assinasse. Aceitei a exigência e, pronto o trabalho, contra vontade sua, pus o seu nome como o autor. É uma pequena apresentação, que vale qual uma jóia do melhor preço.

Comecei a ser seu amigo e admirar-lhe as qualidades morais e intelectuais a partir do momento em que, no ano de 1932, entrávamos, como diretores, no Clube Iracema. Ele, o engenheiro Loengrin Chaves e eu. Senti de perto, então, que homem era aquele — afável, sincero, prestimoso, um vero amigo, desses que a gente não encontra a mãos cheias.

Depois, eu no cargo de Secretário de Urbanismo do Município de Fortaleza, pasta que foi instituída pelo Prefeito Cordeiro Neto por sugestão e trabalho meu, chamei-o para chefiar o Gabinete e vi quanto Rui Guedis sabia desempenhar-se de suas tarefas, com lealdade, amor do serviço, sem hora de entrada nem de saída, e com a mais larga demonstração de que estava superiormente capacitado para tudo quanto a sua Chefia podia e devia providenciar. A amizade, obviamente, aumentou.

Fui no cargo de Secretário de Cultura do Estado, departamento da entrosagem administrativa do Estado que ajudei a criar, e do qual fui o seu primeiro titular, de novo recorri ao Rui, e ele, pressuroso veio, também como Chefe de Gabinete, a dar sem pensar muito em si e pensando mais nos misteres da missão, para maior felicidade minha, no desempenho árduo e delicado de instalar ou implantar, nos seus diversos aspectos e setores, a nova Pasta, cuja eficiência e necessidade, até hoje, tem sido positiva expressão na contextura da governação executiva do Estado.

Agrada-me poder, do modo mais justo, dizer o que para mim e para a coisa pública foi Rui Guedis, o expansivo e ao mesmo tempo esquivo, o conservador nas maneiras e idéias, sem que fosse um trancado, antes um coração aberto à compreensão dos fatos e das coisas, com os quais não concordasse mas para as quais via que era indispensável aceitar, dentro dos limites da moderação e da sensatez. Bem compreendia, com Constâncio Vigil, que “nada existe de hermético para a vida. Nada se acha insulado, pois cada coisa influi nas demais e sofre a influência de todas”. Sabia sair do seu vigor de atitudes, própria de uma educação adquirida de sua época, para as concessões razoáveis, impostas pelos novos modos e conceitos que regem a conduta dos homens no seu evoluir de sempre. Sabia conciliar os extremos, para não fixar-se erradamente em nenhum deles.

Perfaz um lustre que Rui desencarnou, como costumava dizer dentro na linguagem dos que seguem Alan Kardec. Faz cinco anos que o seu espírito ronda o seio amorável de sua família e o círculo de seus amigos e admiradores, e, de

mim, venho, com estas palavras singelas, trazer às lembranças de sua morte o preito de minha recordação magoada.

Aquela placa *Aluga-se* eu leio-a como se com as letras claras, estivesse escrito — *Saudade*. (*O Povo*, de 17.10.1977).

3 — AS BODAS

Comemoramos hoje — 27 de novembro de 1976 — qual um privilégio do Céu, as nossas *Bodas de Ouro*. Marizot e eu. Ela, de 1910 e eu, de 1900.

Constâncio Vigil, admirável escritor uruguaio, deixou-nos o livro *Terra Virgem*, um relicário de sabedoria cívica, moral e sentimental.

Segundo ele, “terra virgem” é a terra como a natureza compôs, não cultivada, mas exuberante e rica de energias, posta à espera de quem a cultive. Cada um de nós nasce diante de uma “terra virgem”, e toca-nos transformá-la nas messes da produção. O resultado da sementeira depende do modo como semearmos, e cada um tem o seu modo e o utiliza nesse mister determinado por Deus. No fim, verá se semeou bem, e, se o fez, sorrirá ante a abundância e beleza da colheita.

O mesmo Deus, de tão magnânimo, enviou-me a graça de saber semear: inspirado nela e no meu esforço — todos havemos de ter o nosso esforço — vejo quão opimos os frutos que tenho colhido.

E a isto se chama *Felicidade*, que não é um simples conceito, uma concepção subjetiva e sim um real e harmonioso somatório de intuições, de pensamentos e de atitudes.

A Felicidade existe e em toda parte a podemos descobrir, como nos ensina Orison Marden, pastor americano que escreve volumes sobre a capacidade do espírito do Homem na busca de sua realização serena e gloriosa. *A Alegria de Viver* é um dos seus breviários de ensinamentos confortantes.

Se existe em todo lugar, cabe-nos encontrá-la e essa procura é que nos vai fornecer o desejado encontro.

E não é senão dentro de nós que está a fonte da Felicidade; seria em vão procurá-la fora de nós — adverte-nos outro moralista famoso, o Marquês de Maricá.

A Felicidade não será, desta maneira, um produto de fabricação mecânica, mas o de um artesanato delicado, talhado ou tecido cuidadosamente. Não é uma peça súbita saída das engrenagens da máquina, porém um efeito preparado pelas mãos de nossa moderada compreensão e a exata inteligência dos fatos.

Nascemos para sermos felizes e, deploravelmente, nem todos alcançam, não sabem alcançar o objetivo: há os que falham, mas há os que obtêm.

E eu obtive. Nasci perfeito física e psiquicamente, filho de pais perfeitos psíquica e fisicamente. Criei-me assim, forte e sem misérias do corpo e da alma, venci nas profissões e encargos, conquistei a estima da minha coletividade, que me outorgou muitas comendas do mais alto valor e, um dia, encontrei quem viesse completar as minhas venturas.

Deus, o Destino, a Boa Estrela, conforme queiram, trouxe-me a ternura de uma mulher, que seria a minha doce inspiração na estrada que eu vinha pisando e seria uma voz, o meu conselho, a medida milimétrica dos meus atos e procedimentos: uma verdadeira dádiva do Poder Divino.

E, então, eu pude — e posso — dizer, como Constâncio Vigil: “Juntos subimos a encosta da vida. Juntos, estivemos sempre na dor e na alegria. De mãos unidas, passeamos pelos jardins floridos da Primavera. Unidos, dormimos junto ao fogo das noites de inverno. Unidos, vamos até o Invisível.”

Geramos muitos filhos, sadios e robustos, e os filhos geraram muitos filhos — os nossos netos — também sadios e hígidos, sem qualquer desgosto de uma aflição mais pungente. E isto constitui a integração de nossa Felicidade, que esplende nas afetividades e espiritualidades desta noite, ao pé do Altar de Cristo e no aconchego de quantos, ligados pelos quentes cordões do sangue ou da amizade, aqui vieram para generosamente nos homenagear e alegrar-nos indizivelmente.

Cinquenta anos de venturoso e mútuo entendimento, meio século de dia-a-dia de suaves esperanças, sem a eiva cortante dos desesperos. Uma vida assim, um caminho assim, uma chegada de festas e de rosas.

De mim, digo que os meus olhos vêem larga e mansa uma paisagem virente e florida, que o passado nos legou, sob as bênçãos do Criador de Todas as Coisas. Tudo, em verdade, harmonia e cântico, como se anjos estivessem entoando hinos aos nossos ouvidos.

Mas nessa paisagem verde enxergo galhos secos, de árvores que morreram, e sei — Marizot também sabe — que a saudade mais será para aumentar o encanto da visada deslumbrante do que para magoá-la. Os meus mortos, os mortos de Marizot, os nossos mortos, sei que neste instante revivem e se refluam e se conjugam no sorriso com que nos contemplam lá das alturas do Insondável. A bem dizer, eles estão conosco nesta hora de emoção e entusiasmo.

O panorama que está à nossa frente, na verdade, é uma pintura do pincel de Deus, e nós Vo-la agradecemos, Senhor!

(27. 11. 1976)

4 — O TIBURCINHO

Faz hoje trinta dias que na Casa de Saúde São Raimundo, desta cidade, morreu o Tiburcinho.

Era assim que as pessoas da família, os seus amigos e quantos que com ele tinham contato lhe chamavam, a ele Tibúrcio Cavalcanti, e justificava-se o diminutivo, que pequena era a sua estatura, magro, fino, de gestos calmos, voz quase sumida que nunca se alterava para ninguém, mesmo nos momentos em que teria de usar de mais energia. Certa vez, um seu amigo e compadre, com quem tinha negócios de comércio, quis exaltar-se e falou mais alto, o que bastou para que Tiburcinho, pondo as mãos sobre os ombros do interlocutor, lhe dissesse: — “Compadre, eu nunca levantei a minha voz

para ninguém, como você está fazendo”, e foi água na fervura, qual se costuma dizer.

Nasceu Tibúrcio Cavalcanti em Morada Nova, filho de Tibúrcio de Moura Cavalcanti e Domitília Pessoa Cavalcanti. Neto do respeitável Major Eduardo Henrique Girão e bisneto de Antônio José Girão, o português que fundou, no Ceará, a *Família Girão*. Era meu tio, irmão de minha mãe, eu o mais velho de seus sobrinhos.

A bem afirmar, medidas as coisas com a boa e exata medida, o Tiburcinho foi um justo, desses homens em que as virtudes muito superam as falhas. Digno, suave de gestos, sincero, amigo, prestimoso, cheio de bondade no que praticava.

Ele mesmo se construiu a si, na sua personalidade moral e na sua vitória material da vida. Não foi um simples *número* no contexto da sua coletividade; nela se integrou como elemento necessário, atuante, solicitado, capaz do respeito e de toda estima.

Paradigma de honradez pessoal, soube transportar essa excelsa qualidade para o exercício profissional — o de comerciante. Começou modesto merceeiro de poucas prateleiras, e o dia-a-dia honestamente laborado o levou às alturas dos maiores cometimentos na vida comercial de Maranguape, cidade onde passou a trabalhar desde muito jovem, vindo do sertão.

Não era um aventureiro das trocas mercantis, desses que se arrojam e ou perdem ou acumulam grandes lucros dentro de pouco tempo. A sua atividade na profissão, ao contrário, foi a de um caminhar lento e metódico e, por isso, seguro e triunfante. Tornou-se, porventura, no seu ramo de transações, a maior expressão da vida econômica maranguapense.

Mas o jovem pequeno merceeiro não sabia trabalhar só para si e olhava os outros, não para vê-los, apenas, mas para dar-lhes algo que pudesse valer uma ajuda. Sabia servir, dar de si, multiplicando em bênçãos aquilo que bem poderia guardar egoisticamente.

Não têm conta os favores do Tiburcinho, na sua solidariedade à mãe viúva, aos irmãos que amparou e encaminhou,

a muitos parentes e não parentes a quem deu a mão nos instantes difíceis. É significativo saber que era Tibúrcio Cavalcanti padrinho de batismo de mais de quinhentos afilhados! E não há maior prova de consideração de amizade, ou de gratidão fazer-se alguém compadre de outrem.

Ao homem inteiriço, leal aos princípios do bom e do decente, aliava Tiburcinho, no seu currículo de boas obras, as convicções da Fé. Católico, sabia cumprir, sem exagero, mas sem esquecer o menor ato, os deveres da Religião. A Paróquia de Maranguape muito dele recebeu, oferecendo-lhe ele os seus óbulos e as suas obediências sem quaisquer alardes ou ostentações.

Sertanejo do Banabuiú, o rio que Eduardo Girão tão sentimentalmente cantou em lindo poema, um dia *voltou às origens* e forneceu ao seu município natal o melhor do seu amor. Adquiriu terras, ampliou-as e montou no latifúndio uma fazenda de criar, que repetidamente visitava, percorrendo-a, a cavalo, até os últimos limites, vendo os gados para com os olhos de dono zelar por eles, melhorar-lhes o padrão racial e dar aos rebanhos o de que eles precisavam na sua boa conservação e no seu desenvolvimento. As terras do Tiburcinho, as instalações ali introduzidas formam hoje o sustento geográfico da empresa *Monasa* (Morada Nova Agropecuária S.A.), a melhor das organizações desse tipo que se estruturam no grande município moradanovense, sob os auspícios da SUDENE.

Manteve-se solteiro o Tiburcinho até idade madura, mas vendo terminar a sua missão de apoio à família, resolveu casar-se, e o fez unindo-se a moça prendada de distinta estirpe daquelas plagas serranas, de que saíra Capistrano de Abreu para ir, lá fora, tornar-se o maior dos historiadores do Brasil.

Não conquistou só uma esposa — a sua Graziela —, senão uma companhia de meiguice e dedicação ímpar no restante de sua existência, que chegaria aos oitenta e oito anos e meio, exatamente, pois nasceu a 15 de junho de 1889 e faleceu a 15 de dezembro de 1977.

Quase nove décadas de plena utilidade social, de procedimento austero, simples, exemplar, nunca tendo odiado, nem ofendido com palavras, nem ferido quem quer que fosse, nem guardado no coração o menor resquício de maldade. Se a Humanidade fosse constituída de Tiburcinhos, o mundo seria uma ventura celeste, um paraíso de bem-aventuranças. Tudo seria eternamente feliz. Homens assim é que devem ser modelo da obra de Deus; feitos à sua imagem e semelhança.

15/01/1978

5 — O LIVRO DE JOSÉ AURÉLIO

Pesquisou como sabia fazer, penetrou os arquivos e bibliotecas daqui e do Rio de Janeiro, confrontou os achados, enriqueceu-os com informações várias e válidas, deu ordem aos elementos afanosamente colhidos e deixou o livro capaz de ir para as máquinas, a imprimir-se.

Mas a desgraçada morte, cruel e estúpida neste caso, não permitiu que ele visse o livro em formato devido. Doença tirana quebrou totalmente as forças daquele homem robusto, de estatura alta, sadio, alegre, brincalhão e, sobretudo, amigo leal e prestimoso. Privei da estima dele.

José Aurélio Saraiva Câmara. Chamava-se. Era o José Aurélio dos que o conheciam mais de perto e sabiam do seu conjunto de qualidades ótimas, da sua inteligência clara, do seu poder de estudar e aprender com eficiência e profundidade aquilo que cuidadosamente estudava.

Oficial do Exército, soldado reto, correto e brioso, serviu a Pátria como quem melhor o tenha feito, sem falhar, sem esquecer dever nenhum, mas sabendo, ao lado disso, atrair amizades e conquistar admiradores.

Valia a pena estar ao lado dele, ouvir-lhe a palestra cheia de gracejos, descontraída, talvez aqui e ali um tanto irreverente, porém duma irreverência que não feria, não magoava,

porque o que soltava dos lábios era com estes aflorados no mais franco sorriso.

Do serviço dos quartéis, onde deixou traço limpo, transferiu-se para o professorado militar e aí encontrou campo muito melhor para as suas procuras intelectuais. Foi matemático de primeira água, e da ciência dos números pendeu para as lucubrações da História, no que iria tornar-se abalizado e de produções primorosas. Escrevia para os jornais e revistas e publicava volumes, cada qual melhor, versando aspectos e casos do maior interesse para a Cultura. A bem dizer, era um talento a serviço de uma vontade forte de transmitir para os leitores aquilo que acumulava, de conhecimentos e interpretações.

Excelente a sua queda para as biografias e neste delicado terreno soube arrotear o chão difícil e não raro perigoso, se o biógrafo não se ativer à linha justa e imparcial para jogar-se aos extremos defeituantes do panegírico ou da prevenção cáustica.

O seu *Capistrano de Abreu*, saído da Livraria José Olímpio Editora, 1969, com 234 páginas, é a melhor e mais completa obra que já se escreveu sobre o grande brasileiro de Maranguape, honrada com o Prêmio Otávio Tarquínio de Sousa. Consagrou-se, só aí, pois o livro contém toda a complicada configuração do mais atilado e culto dos historiadores do Brasil. Ler este livro é mesmo que ver Capistrano, tal qual.

A sua obra de agora é *Um Soldado do Império — General Tibúrcio e o seu tempo* e vale como livro de pujante conteúdo, desses que, em verdade, *ficam*. Não enchem tão-só as estantes e sim guardem-se no bronze das coisas perenes e sempre requeridas.

É a biografia de Antônio Tibúrcio Ferreira de Sousa, o viçosense da Ibiapaba, que de lá saiu pobre e menino ainda, para um dia glorificar-se como um dos mais alcandorados generais das nossas Armas. “É o Coronel Tibúrcio o primeiro, o mais distinto dos oficiais do nosso Exército” — o conceito é do Visconde de Pelotas.

“Uma das glórias do Exército Brasileiro, desde a bravura indomável que não conhece obstáculos, até os mais preciosos dotes de alma e de inteligência” — este é do Visconde de Taunay.

Soldado que atingiu a Glória nas lutas ferozes dos campos de batalha, Tibúrcio era igualmente um cérebro apercebido de conhecimentos superiores, lastreados das conclusões filosóficas e sociológicas — uma farda que não ficava somente no bom engomado, e sim brilhava nas cintilações de um espírito bem aprimorado de dignidade, prudência e de saber.

Muitos estudos existem sobre essa figura que enaltece a militância e as letras de nosso País. Virgílio Brígido, que o conheceu pessoalmente e com ele conviveu, legou-nos *Traços Biográficos do General Tibúrcio Ferreira de Sousa* (Fortaleza, 1888), onde nos oferecer notícias bem úteis e justas sobre o Grande Soldado. Eusébio de Sousa publicou, muito bem posto, *Tibúrcio, o grande soldado e pensador* (Fortaleza, 1937). O General Onofre Muniz Gomes de Lima apreciou-o, com exatidão, em *A Insigne Figura do General Tibúrcio* (Rio, 1948). São trabalhos do mais apurado labor.

Todavia, a José Aurélio Câmara, mais documentado e com melhor espírito de interpretação, é que caberia traçar, com as verdadeiras tintas, o retrato do admirável filho de Viçosa do Ceará. *Um Soldado do Império* (Rio, 1978), efetivamente, mostra-nos quem, de fato, em todos os contornos, foi o nordestino que nasceu em 12 de agosto de 1837 e faleceu, nesta beickiana cidade da Fortaleza, em 28 de março de 1885. Aos 47 anos de idade, portanto. Aos 43, fora promovido a General.

O estudo de José Aurélio é metódico, comprovado e sério, sobre ser escrito em linguagem que se recomenda. José Honório Rodrigues, que o prefaciou, afirma que a “obra sobre Tibúrcio, de José Aurélio, confirma o que se esperava do Autor de vários outros livros, especialmente a biografia de Capistrano de Abreu”.

O tomo divide-se em cinco capítulos: I — A Infância Cearense, II — A Formação Militar? III — A Consagração

da Guerra, IV — Atividade do Após-Guerra, e V — Correspondência, além de um *Apêndice* ilustrativo. O último desses capítulos é tomado pelas cartas escritas e recebidas pelo Eminentíssimo Militar, e por elas se deduz, viva e clara, a espécie de sua personalidade de homem que se formava das idéias mais adiantadas do tempo e sabia recebê-las e delas tirar as melhores ilações. Altas pessoas do Império, como Ozório, Visconde de Pelotas, Visconde de Taunay e outros com ele se carteavam. A correspondência de Tibúrcio com João Brígido e Senador Pompeu elucida muitos fatos de nossa história política.

Por tudo, vê-se que o biografado não era um simples general preocupado com as obrigações da caserna, mas sim e, acima de tudo, uma das mais atuantes figuras do nosso meio político, social e intelectual. A sua participação na Campanha da Abolição foi corajosa e decidida.

A leitura de *Um Soldado do Império* credencia o autor como seguro e esclarecido biógrafo e nos traz, completa, a fotografia militar, moral e cultural do General que, cada vez mais, se inscreve entre quantos souberam e puderam honrar a qualidade cearense.

Li-o enternecido e aprendi muita coisa que os nascidos nesta Terra de Sol devem conhecer e manter bem quente na alma e no coração.

(*O Povo*, de 3/9/1978).

6 — O PEDRO

Pedro Philomeno. Pedro Philomeno Ferreira Gomes. Noventa anos de vida. Nove décadas de utilidade social. Noventa anos *vividos* e não simplesmente passados ao longo do tempo.

Noventa anos perfigurando um paradigma, um exemplo, uma inspiração para quem quer ser correto, bom e capaz de dar algo pela sua coletividade, sem exigir recompensa.

Dir-se-á um desses predestinados a uma função de serviço em bem dos outros, não só pelo que pôde *dar*, auxílio ou espórtula, mas principalmente pelo que soube *fazer, realizar, construir*.

Nasceu para isso, como porventura teria nascido para coisa diferente. Sorte, destino, estrela, ou senso, capacidade, coragem?

Na verdade Pedro Philomeno *viveu*, não quedou tão unicamente em ver sucederem-se os dias parado ou contemplativo. O seu espírito claro, a sua formação moral, as suas forças íntimas, o seu amor do trabalho é que fizeram o que é. Desde cedo, procurou um norte seguro e com felicidade o encontrou, e com inteligência e pertinácia tirou do mundo o que o mundo pode oferecer aos homens de luta e suor, de visão e cálculo.

Fez-se comerciante, industrial, capitão de empresas; fez força, nunca sentiu um minuto de desânimo e, o que é melhor, labutou na própria labuta, igual aos que eram auxiliares ou operários de seus negócios e de suas fábricas. Constituiu exemplar família, cooperou no progresso de sua terra, aprofundou as amizades que conquistou, a elas sempre fiel, cavalheirescamente amigo.

Digo-o porque o conheci e o senti de perto desde ou ainda moço, seu vizinho da mesma rua, vendo o que ele mostrava sem querer mostrar, no afã, não de ficar rico, que é um afã também justo, porém no afã de dar forma, eficiência e textura a uma existência que não fosse unicamente sua, egoística, e sim aberta aos eflúvios incitantes dos que sabem olhar os outros e ajudar os outros, que é o grande conselho do Cristo.

A sua longevidade é para a sua terra, para os seus de sangue, para os seus amigos e para os que o admiram uma ventura sem par, vale um espelho de clara luz, refletindo em todos a alegria de o ver, hoje, dia do seu nomagésimo aniversário natalício, ainda em plena saúde do corpo e da mente, ainda com o mesmo semblante moderado e afável, as mesmas maneiras delicadas e acolhedoras.

Graças a Deus, conservou-se integral até agora na sua figura de respeito, veneranda, merecedora de todas as homenagens que ora lhe são tributadas.

Estou escrevendo palavras que não são minhas, porque de todos quantos o tem no coração, e neste bem guardado.

Nunca, estou certo, eu disse pelos outros, com palavras minhas, com tamanha exatidão.

Pedro — o venerando, o admirado, o estimado, o exemplo, o reflexo do Bem, da Amizade, da Justiça. Pedro — o varão justo, que está recebendo as bênçãos do Céu. (7/6/1978).

7 — COMPLEXO DE ANTEU

Assisti, para regalo meu, ao lançamento do livro de Eduardo Campos. No Palácio do Governo, o próprio Governador apresentando-o, numa oratória curta mas ajustada.

E ao ser-me oferecida a obra, naquele instante, vi que o autor m'a dedicava: "Mestre Raimundo Girão, ajude-me a ter mais *Complexo de Anteu*... é o que deseja o Manuelito". Dizer-me Mestre é generosidade dele, a pedir-me que venha ao seu socorro no trabalho intelectual que obstinadamente o domina, isto é coisa que só posso fazer lembrando-lhe que sempre sofri, ou gozei?, o complexo da entidade mitológica, ou seja a estratégia do filho de Posidom com a Terra, o qual a cansar-se da sua luta de gigante, procurava tocar o corpo fatigado na terra para adquirir novas energias e tornar-se de novo gigante.

Desde menino que sou um pequeno Anteu, nascido no sertão do Banabuiú, em Morada Nova, deixando na terra, como talismã irresistível, o umbigo de que me separava e, enterrado ali, me prenderia para sempre àquele chão de várzeas cheias de carnaúbas e jaramataias. Depois, vim, com os pais, ajudar a plantar fruteiras em sítio no alto da serra de Maranguape, e me afeiçoei também ao cheiro maranguapense. Dos meus braços, de minhas mãos, caíram muitas semen-

tes que nasceram e viraram árvores dadivosas. Mais tarde, viria para Fortaleza e, no sítio do Passaré, outra terra a que irresistivelmente me plantei, como nela plantei milhares de árvores, com as minhas mãos cavando as covas.

Sou portanto e, como é bom dizer, um ecológico, e às vezes desconfio se o meu corpo não é feito de terra, como aquele de Adão, que Deus modelou.

Dizer isto a Manuelito é a melhor forma de dar-lhe a ajuda que me pede na aflita dedicatória, é manifestar-lhe a minha plena e convicta solidariedade a tudo quanto faz e escreve na defesa da anteuíssima necessidade que implica a todo homem de não esquecer o barro, onde se escondem os minérios e crescem as plantas e, completando o maravilhoso conjunto, vivem os animais.

A minha admiração pelo Manuelito não é de hoje, senão do tempo — e quanto tempo! — eu que passei a ver como ele é, um quase-tudo, de muitas facetas na sua personalidade de escritor versátil, de homem de luta da vida, de gentil-homem social, de jornalista combativo e que não sabe dormir, de dono de sítio de agricultura, de industrial de doces e torrefação de café.

Uma pessoa assim, de fato, é digna de admiração mas admiração bem medida, séria, real e não apenas, porventura, simplesmente emotiva. Não é fácil ser deste jeito, com esses dons e privilégios que uma inteligência possante sabe mostrar, na exuberância de suas forças.

O livro de Eduardo Campos bem poderia servir de breviário para os sacerdotes dos Ecólogos e dos que amam a Natureza, nas magníficas expensações das suas belezas, dos seus mistérios e da sua sabedoria. Cada capítulo é um ensinamento e um apelo, na intenção de esclarecer como o bicho-homem a estraga todos os dias, quando todos os dias devia preservá-la, e a outra intenção de gritar contra a ingrata devastação daquilo que o Criador tão admiravelmente preparou para a felicidade de todos.

Cada capítulo de *Complexo de Anteu* serve de chamado à meditação, de anteaviso aos que não se lembram de que a

Terra não foi incluída nos sistemas planetários para ser es-
corraçada pela imprevidência, pela imprudência ou pela per-
versidade do ser humano.

O homem que fere a terra fere-a a si mesmo e nem está
percebendo o erro que levemente comete.

Como bem salienta Francisco Alves de Andrade, noático
e erudito prefácio do livro, “versando sobre fatos vistos e to-
cados na comunidade cearense — letras, pensamentos, idéias
e trabalho envolventes — o livro tem a marca da fábrica, de
cunho regional, mas o seu belo ensaio logo atinge, por espí-
rito e objetivo fáctico, o escopo melhor atualizado das gran-
des preocupações humanistas, universais. Não é apenas no
Ceará, ou Nordeste, mas em todo este vasto e continental
país, em todo o mundo, que os seres humanos se enfraquece-
ram por desligamento das fontes naturais de vida”.

É terrificante a deslocologia do mundo e para fazê-la es-
tancar, ou ao menos diminuir eficientemente, será indispen-
sável que apareçam os clarins conclamando à mudança de
atitude. Clarins fortes, retinantes, capazes de serem escutados
pelos ouvidos mais duros ou mais distantes.

Eduardo Campos tem-se feito um deles e com que mes-
tria e contumácia, pouco se importando com os que, moucos
ou indiferentes, não o querem atender.

Para frente, meu amigo valente e querido. Pequeninho,
eu afino com você, com o meu clarinzinho talvez fraco, mas
afinado e que não pára.

8 — HISTÓRIA SE FAZ ASSIM

Com a disposição valente de não parar diante dos obstá-
culos, que nunca faltam; com a vontade firme de chegar a
uma conclusão no meio de quantas dúvidas surgem no esfor-
ço da pesquisa; com a acuidade, direi solerte, para não se
deixar arrastar pelo preconcebido, antes aceitando aquilo que
vier de encontro ao que de começo se pensava; com a sereni-

dade, quase frieza no exame dos elementos informativos encontrados, a fim de isentar o ânimo de simpatias ou de prevenções; e com, finalmente, o cuidado do *fixado* o fato histórico, dar-lhe a devida notícia com clareza e precisão.

O *fato histórico*, como já tivemos ensejo de escrever, é precisamente aquele que se distingue dos outros pelas suas particularidades, que nada tem de comum com os outros frutos. É único e, portanto, não se repete; é ele mesmo e não outro, e vale pela repercussão que, por esse ou aquele motivo, conseguiu, tornando-se importante, além do corriqueiro.

Qualquer fato humano, aliado às condições de tempo e lugar, pode não sair do *rotineiro*, e neste caso não é fato histórico; ou pode tomar vulto e personalidade tal que passe a merecer interesse ou atenção maior, divulgando-se, entrando para o registo da História.

Daí, o cuidado com que deve ser o fato analisado, tendo em vista que do seu exato conhecimento resulta uma *verdade histórica*. Porque há fatos que, à falta melhor cautela, passaram a ser tido como históricos e que, por fim, depois de bem estudados nos seus vários aspectos e efeitos, cedem a outra exteriorização mais exata.

De qualquer forma, o fato histórico enquanto não for desmentido é fato histórico, inscreve-se na imensa relação dos fatos que formam a História.

O verdadeiro historiador, portanto, é o que se firma nos fatos históricos exatos e é capaz de diferençá-los dos falsos fatos históricos, ou... história mal contada. Deve estar forrado daquelas qualidades a que me referi acima, e não hesitar na procura da realidade do passado. O passado é que faz a História, e recompô-lo, com as linhas seguras, é que dá à Ciência de Heródoto a beleza cultural que ela tem.

O Gen. Raimundo Teles Pinheiro, soldado que aliou sempre aos deveres da caserna aos cultivos das coisas intelectuais, é um desses que possuem o entusiasmo dos estudos históricos e os trata com a severidade de exatidão igual ao com que exerceu as várias funções de comando do Exército, a que tanto bem serviu. As suas inclinações, como que obviamente,

tenderam para os assuntos militares, ora projetando figuras exponenciais das nossas Armas, ora salientando acontecimentos de grande relevo no contexto de nossas glórias guerreiras.

Caxias, Sampaio, Tibúrcio, Carolino Sucupira, Humberto de Alencar Castelo Branco, Maria Quitéria — o “soldado Medeiros”, são objetos de ensaios interessantes, ao lado de estudos acerca de batalhas de nossas guerras no Império.

Os sobre *Aspectos Políticos da Guerra do Paraguai*, sobre *Guerras Platinas no Segundo Reinado*, *Respingos Históricos*, *Abril Político*, *A Dezenbrada*, são trabalhos suculentos, que demonstram a segurança das idéias do Autor.

Todos esses trabalhos ele os enfeixou, sob a égide da Secretaria de Cultura do Estado, no volume *Estudos Históricos-Militares e Outros Temas*, de 276 páginas e aspecto gráfico de primeira ordem, dando assim unidade e mais divulgação e perpetuidade a artigos publicados nos jornais e revistas, em épocas várias.

O livro tem, deste modo, o valor dos livros úteis necessários, cuja leitura instrui e ao mesmo passo incita o sentimento de civismo e de amor da Pátria, que cada vez mais devemos guardar no coração. É escrito em linguagem clara e correta, com o estilo vigoroso que bem caracteriza o dono — homem de atitudes desassombradas, leais, próprias dos que sabem dar o bom exemplo com atos e não somente com palavras.

Todos devemos lê-lo, sem faltar página, pois que da leitura retiramos muita convicção para o reforço da nossa vaidade de brasileiro.

De parabéns a Cultura cearense, a Secretaria de Cultura do Estado e o Autor, que soube nos presentear com uma obra de ensinamentos e boas orientações assim para os afeiçoados às lucubrações dessa natureza, como a todos aqueles que desejam colher melhores informações sobre o que é o Brasil, no campo das suas tradições e vitórias marciais.

Li o livro, e confortei-me.